

# Alguns Componentes da “Mitosociologia” de Max Weber\*

Edgardo Adrián Lopez

Ao contrário do que se supõe, entre os séculos XVI e XVIII houve em lugares como Grã Bretanha, um complexo sistema “... de proteção do campesinato ... contra o senhor feudal”

Max Weber

*Em diversas regiões da Inglaterra, a “imensa maioria da população estava composta (no final do século XIV) e mais inteiramente ainda no século XV, de campesinos ... que cultivavam suas próprias terras ... em guerra aberta com a realeza e o Parlamento, os grandes senhores criaram um proletariado muito mais considerável, ao usurpar os bens comunais dos campesinos e expulsá-los do solo que possuíam ...”.*

Karl Heinrich Marx

Freud “... tem a sorte da matilha universitária não ir atrás dele”

Jacques Lacan

Tal como já havíamos colocado em uma comunicação apresentada no marco destas *Jornadas*, o “sociologismo” de Durkheim, Weber, Elias e Parsons<sup>1</sup>, entre outros referentes idolatrados academicamente, se presta a uma desconstrução materialista que entende que existe uma solidariedade discursiva entre uma reflexão obcecada acerca do método e da delimitação do “normal”, “patológico”<sup>2</sup>, “razoável”<sup>3</sup>, etc. na academia. Por

---

\* Traduzido por Edmilson Marques.

<sup>1</sup> ELIAS, Norbert *La Sociedad Cortesana*. México: FCE, 1996.

<sup>2</sup> WEBER, Max. *Sobre a teoria das Ciências Sociais*. Buenos Aires: Planeta-De Agostini, 1994, p. 24.

Sem dúvida, acreditamos que uma postura que se irrita ou se sente incomodada com o dismantelamento do intelectual que temos como alvo, assume nada mais do que a concepção de que “Weber” é “intocável” e que tal análise é o gesto típico de um principiante em busca de sua autoafirmação diante da tradição que obscurece quem é de fato. Algo semelhante a uma atitude que observamos em alguns dos principais referentes, carregados de um obscurecido preconceito fundamentalista, a tese doutoral de história,

sua vez, a aprovação de tal ação (b) está envolvida em muitas questões não detalhadas com êxito. Além disso, observamos uma série de impasses ideológicos, uma alternativa que visa delimitar eventos e valores (c).

## I

Exceto as observações expressas no campo do materialismo crítico (que é conhecido através do impreciso nome de “marxismo”) não estamos informados de um desmoronamento das teorias de Weber. O que encontramos, são, desde exposições sistemáticas de seu pensamento, sem nenhuma oposição<sup>4</sup> a ele, até elogios<sup>5</sup> efetuados com o objetivo de inserí-lo nas instituições acadêmicas que combatem furiosamente Marx e a certos marxistas, um “culto à personalidade” semelhante ao que sucedia àqueles que eram canonizados na frustrada ex URSS.

Poucos questionaram publicamente a misoginia de Weber<sup>6</sup>, seu elitismo<sup>7</sup>, o racismo às vezes imoderado sobre o que analisava<sup>8</sup>, seu militarismo e nacionalismo<sup>9</sup>,

---

Semiótica e Materialismo crítico. Segmentos sociais e processos semióticos: a base estrutural da dialética. Trabalho dirigido pelo Sr. Juan Ignacio Anjo Velilla Mgarriños de Morentin.

DERRIDA, Jackie Eliahou. A Desconstrução nas Fronteiras da Filosofia. Barcelona: Paidós, 1989.

DERRIDA, Jackie Eliahou. “Cogito e História da Loucura” in A escritura e a Diferença. Barcelona: Anthropos, 1989.

FOUCAULT, Paul-Michel. “Apêndices” in História da Loucura na Época Clássica. Buenos Aires: Vol. II, FCE, 1992.

\_\_\_\_\_. “A loucura, a ausência de obra” in “Apêndices”. Texto incluído em História da loucura na época clássica.

FOUCAULT. “Meu corpo, esse papel, esse fogo” in: “Apêndices”. Corpus inserto em História da loucura na época clássica.

LACAN, Jacques. “Prefácio” in: Riffelt-Lemairf, Anika Lacan. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1986.

NAISHTAT, Francisco. Max Weber e a Questão do Individualismo Metodológico nas Ciências Sociais. Buenos Aires: EUDEBA, 1998.

MARX, Karl. O Capital. Buenos Aires: Vol. I, Cartago, 1983.

WEBER, Max. História Geral da Economia. México: FCE, 1961.

<sup>3</sup> WEBER, Max. Sobre a Teoria das Ciências Sociais. Planeta-De Agostini, Buenos Aires, 1994, p. 24.

<sup>4</sup> BENDIX, Reinhard. Max Weber: retrato intelectual. Buenos Aires: Amorrortu, 1970.

JANOSKA BENDL, Judith. Max Weber e a Sociologia da História. Buenos Aires: Sur, 1972.

MOYA, Carlos. “Weber e a Vocação Atual da Sociologia” in: Sociólogos e Sociologia. México: Siglo XXI, 1998.

<sup>5</sup> SÁNCHEZ SARTO, Manuel. “Prefácio” in: WEBER, Max. História Geral da Economia. México: FCE, 1961.

HONIGSHEIM, Paul. Max Weber. Buenos Aires: Paidós, 1977.

<sup>6</sup> WEBER, Max. História Geral da Economia. México: FCE, 1961, pp. 40, 46, 207.

<sup>7</sup> WEBER, Max. Sobre a Teoria das Ciências Sociais. Buenos Aires: Planeta-De Agostini, 1994, pp. 88, 131, 159.

WEBER, Max. Economia e Sociedade. México: FCE, 1992, p. 31.

<sup>8</sup> Idem, pp. 8, 31.

sua luta contra o socialismo e a interpretação materialista dos processos<sup>10</sup>. Poucos foram aqueles que colocaram em questão o seu etnocentrismo<sup>11</sup>, a defesa, descarada ou direta, das desigualdades dos sistemas coletivos superados<sup>12</sup>, certo elogio dos “progressos” consequentes do colonialismo<sup>13</sup>, sua resistência às lutas travadas pelos grupos subalternos<sup>14</sup> e o que encobre seu aparente asceticismo diante das possibilidades das insurgências, acossada pela burocratização<sup>15</sup>: Uma resignação acerca da ordem estabelecida<sup>16</sup>.

O historiador marxista Pierre Vilar, é uma das escassas vozes que põe em dúvida a aparente erudição do ideólogo germânico, em relação à sua “crítica” a Marx e a indelével concatenação das cronologias dos ecos, que qualifica sem titubear de “fantástica”<sup>17</sup>. Incluímos que se enreda em desatinos historiográficos fundamentais, ao sustentar a existência de capitalismo e capitalistas desde os faraós egípcios<sup>18</sup> e nas mais remotas fases da cultura chinesa<sup>19</sup> (!).

---

WEBER, Max. Sobre a teoria das Ciências Sociais. Buenos Aires: Planeta-De Agostini, 1994, p. 86, nota 18 de p. 254.

<sup>9</sup> CAMPBELL, Tom. "Capítulo VIII. Max Weber: uma teoria da ação" in Sete teorias da sociedade. Madrid: Cátedra, 1985, pp. 199, 210-211.

<sup>10</sup> WEBER, Max. História Geral da Economia. México: FCE, 1961, pp. 3, 17, 274, 276.

WEBER, Max. Sobre a teoria das Ciências Sociais. Buenos Aires: Planeta-De Agostini, 1994, pp. 30-35, 50, 67, 69, 78, 159.

<sup>11</sup> WEBER, Max. Economia e sociedade. México: FCE, 1992, pp. 14

WEBER, Marx. Sobre a teoria das Ciências Sociais. Buenos Aires: Planeta-De Agostini, 1994, pp. 17, 128, 139.

<sup>12</sup> WEBER, Max. História Geral da Economia. México: FCE, 1961, pp. 61, 69/70, 78, 81, 86.

<sup>13</sup> Idem, pp. 48, 253.

<sup>14</sup> Idem, pp. 33, 45.

WEBER, Marx. Sobre a teoria das Ciências Sociais. Buenos Aires: Planeta-De Agostini, 1994, pp. 86, 124-126.

<sup>15</sup> Idem, p. 159.

<sup>16</sup> Idem, p. 160.

CAMPBELL, Tom. "Capítulo VIII. Max Weber: uma teoria da ação" in Sete teorias da sociedade. Madrid: Cátedra, 1985.

Contudo, com esta questão não pretendemos “descobrir” uma evidência conhecida por todos: que Weber seria um intelectual decididamente burguês e pro-capitalista. O que nos interessa é mostrar que o “mitoideólogo” em questão, ao contrário do que se pensa, quando é colocada uma alucinada “crítica” à prisão ? de uma burocracia crescente, não se encontra dentro da tradição libertária. Por outro lado, entre suas aspirações a fundamentar cientificamente um saber como o da Sociologia, que é terrenos de fortes disputas, e seus logros alcançados se aprecia um discurso (inclusive aí, no sentido psicoanalítico do termo, *id est*, que se coloca uma distância que explicita que se cobiçam ideologias nas pretensões de paternidade...).

<sup>17</sup> VILAR, Pierre. Crecimento e Desenvolvimento. Economia e História. Reflexões sobre o caso espanhol. Buenos Aires: Planeta-De Agostini, 1994, p. 355.

<sup>18</sup> WEBER, Max. *História Geral da Economia*. México: FCE, 1961, pp. 283.

<sup>19</sup> Idem, p. 282, 296.

## II

É vastíssima a produção ideologizante do intelectual funcional sobre a divisão no trabalho da dominação que se exerce na intelectualidade, o que motiva que devamos realizar as desconstruções a várias questões, extraídas de vários comentários<sup>20</sup> de passagens específicas das obras *Economia e Sociedade* (1992), de *Sobre a Teoria das Ciências Sociais* (1994) e de sua *História Geral da Economia* (1961).

Recorrido que é desmensurado não pela sistematicidade com a qual seria impostergável combater a favor da inauguração científica da *Sociologia* (até agora, ocorreu em casos isolados e não de forma contínua no mesmo “autor” – f. e., Bourdieu<sup>21</sup>) mas pela necessidade de acumular as isotopias, lexemas, campos semânticos, interpretantes, semas etc, necessários para os efeitos de se fornecer material suficiente para a crítica expressada. No entanto, haverá um “fundo” de obras que enfatizará o jogo em que envolvemos<sup>22</sup>.

Enquanto ao seu monumental texto sobre a “sociologia” compreensiva, a sua estrutura interna é a de um extenso esboço que não pode ser revisado para divulgação impressa. Ela consiste, igual a uma boa quantidade de palimpsestos que respondem à sua afirmação, de uma longa discussão da terminologia. A inacabável “*primeira parte*”, cujo título é “*Teoria de categorias sociológicas*”, consiste em quatro grandes temas que são: “*I. Conceitos básicos de sociologia*”, “*II. As categorias de base sociológica da vida econômica*”, “*III. Os tipos de dominação*”, “*IV. Estamentos e classes*”.

A “*segunda parte*”, que introduz vários temas de Sociologia e tem como subtítulo “*A economia e as ordens e os poderes sociais*”, é integrada por nove extensas

---

<sup>20</sup> Idem.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. México: FCE, 1992.

WEBER, Max. *Sobre a Teoria das Ciências Sociais*. Buenos Aires: Plantena-De Agostini, 1994.

<sup>21</sup> BOURDIEU, Pierre-Felix et al. *Respostas. Por uma Antropologia reflexiva*. México: Grijalbo, 1995.

BOURDIEU, Pierre-Felix *Razões Práticas. Sobre a teoria da ação*. Barcelona: Anagrama, 1997.

BOURDIEU, Pierre-Felix *A distinção. Critérios e bases sociais do gosto*. Madrid: Taurus, 2000.

Para uma visão geral das limitações deste sociólogo, em várias passagens de seus axiomas sintéticos apresentados como hipóteses “silvestres”, ver CANCLINI, Néstor García. “La sociología de la cultura de Pierre Bourdieu”. Documento acessado em julho de 2004, pelo endereço eletrônico: <https://www.comminit.com/la/images/garciacanclini.pdf> (home).

<sup>22</sup> WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Barcelona: Península, 1969.

WEBER, Max. *Sobre a Teoria Sociológica*. Barcelona: Península, 1971.

WEBER, Max. *Ensaio Sobre Metodologia Sociológica*. Buenos Aires: Amorrortu, 1973.

WEBER, Max. *O Político e o Científico*. Madrid: Alianza, 1984.

WEBER, Max. *O Problema da Irracionalidade nas Ciências Sociais*. Madrid: Tecnos, 1985.

macroisotopias, que são: “I. A economia e as várias ordens”, “II. Economia e sociedade em geral”, “III. Tipos de comunidade e sociedade”, “IV. Comunidades étnicas”, “V. Sociologia da Religião”, “VI. (O) Mercado”, “VII. Sociologia do Direito”, “VIII. Comunidades Políticas”, “IX. Sociologia da dominação”, que por sua vez, contém uma subseção que trata de uma “Sociologia do Estado”. Depois segue um “Apêndice” que descreve um conhecimento que tenta ser uma “sociologia” da música.

Assim como já adiantamos, é possível assumir a desconstrução total de um corpus dos traços compartilhados telegraficamente, descrito em um artigo divulgado em algumas *conferências*. Esperamos fazê-lo em um estudo posterior. Mas por que, nos voltamos para outros plexos com o propósito de que a crítica da *Economia e Sociedade*, limitada ao primeiro item da “Primeira Parte”, não nos dê uma perspectiva anêmica de quem definimos como mitometafísico.

No entanto, uma “amostra” dos mecanismos de enunciação não é apenas algo precário em que, para as ferramentas que nos oferece a semiótica<sup>23</sup>, a Psicanálise e o deconstrutivismo derrideano-marxista, os “vestígios” têm grande poder para apoiar a crítica.

Voltando ao tema, o que temos a dizer em torno do tema prevê-se que:

1. Uma das contribuições de Weber é que é possível articular um “princípio de limitação”, de dois aspectos, a um certo nível, aceitável “falsificação”; a primeira de caráter restrito e a outra, de amplos alcances.

Às vezes acontece que há insuficientes documentos históricos que pode suportar a verdade da regularidade sugerida, e depois mantém-se como uma simples hipóteses<sup>24</sup>. Além disso, na maioria das situações há apenas uma possibilidade de que você siga um determinado processo ou, de modo que nem sequer é relevante para apelar para a necessidade de “falsificar” um prognóstico baseado em números aleatórios.

2. O pensador nascido em Erfurt, argumenta que no desenvolvimento da ação significativa, podem intervir fatores que não são da ordem de significado, tais como as disposições racial, o índice craniano, a cor da pele, etc<sup>25</sup>. Mesmo tais condições genéticas podem fazer mais ou menos racionalmente o curso da ação. De acordo com o sublinhado acima, temos o *racismo* como

<sup>23</sup> GREIMAS, Algirdas Julien. *Semiótica e Ciências Sociais*. Madrid: Fragua, 1980.

<sup>24</sup> WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. México: FCE, 1992, p. 10.

<sup>25</sup> Idem, p.08.

base metodológica.

3. A sociologia “interpretativa” se encontra atravessada pelas dicotomias metafísicas ocidentais do racional oposto ao emocional, por isso o “*pathémico*” é tratado como uma “fronteira” que impede uma compreensão total da ação por causa de sua irracionalidade<sup>26</sup>.

No entanto, este acrescenta outra objeção a Marx, para o qual as paixões não são irracionais senão algo “essencial” para o homem. São as comunidades anteriores à sua reconstrução democráticas (em especial, as de classes) as que “irracionalizam” as afeições e “racionalizam” ações que ameaçam os instintos da vida.

Que também é por isso que a simples visão de uma ligação estreita entre meios e fins neutraliza o potencial crítico da sociologia: é impossível ser capaz de desafiar a “racionalidade” da dominação<sup>27</sup>. Por exemplo, a equivalência forçada entre a existência e salários, entre faculdades humanas e dinheiro ao qual o trabalhador é submetido, não é algo racional; de forma precisa, Marx chama a atenção para o evento sem precedentes que não pode ser empurrado para uma igualdade impossível (o subjetivo) e o econômico (o dinheiro), seja algo “natural” e aceitável.

Esta interferência das mitofilosofias ocidentais, se completa com associações quase promíscua entre as recomendações metodológicas e o “apartheid” racionalista que diferencia entre as figuras do “normal” e do “patológico”: conforme sugerimos na apresentações sobre Durkheim<sup>28</sup>, as obsessões clínicas sobre as melhores abordagens metodológicas correspondem surpreendentemente com lexemas que se referem à “necessidade” de separar o “joio”, que é a “loucura”, do “bom trigo”, que prova ser a razão cordial.

4. Ao resgatar como importante a repetição nas ações sociais para deduzir a média típica<sup>29</sup>, aceita o grau de desencantamento e rotinização que

<sup>26</sup> Idem, pp. 08 e 09.

<sup>27</sup> Exercício do domínio ao que Weber homologa constantemente com “obediência”, removendo assim no final a eficácia subversiva, como pode ser visto em inúmeras passagens de *Economia e Sociedade*.

<sup>28</sup> LÓPEZ, Edgardo Adrián. “Apontamentos Sobre Certas Aporias do ‘sociologismo’ de Durkheim, segundo suas Reglas Metodológicas”, trabalho apresentado nas *VI Jornadas de Investigación y Docencia de la Escuela de Historia. Escenarios provinciales: historias e historiografías. Aos 75 anos do falecimento de Bernardo Frias*, realizadas entre 03 e 04 de novembro de 2005, na Faculdade de Humanidades, UNSa., Salta capital, Argentina. Inédito, p. 3.

<sup>29</sup> WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. México: FCE, 1992, p. 11.

atravessam as práticas existentes nas comunidades até agora. A redundância unidimensionaliza a riqueza semiótica da ação e da alienação, portanto, uma sociologia inocente desse processo, ajuda a reforçar o tédio.

5. Sem efetuar as observações feitas em *Sobre a Teoria das Ciências Sociais*, sugere que as leis sociológicas são regularidades estatísticas<sup>30</sup> que são construídas em torno do real. Mas se esses padrões podem indicar até que ponto um tipo ideal de ação é interativo<sup>31</sup>, as médias estatísticas são construídas sobre uma abstração (tipo ideal e não com base no concreto, por isso fica preso em uma contradição).
6. Falando de estatísticas, julga que há alguns que não tematizam eventos com significado, mas inclui nessa esfera peculiar aos índices de mortalidade, quantidade de chuva, etc<sup>32</sup>.

No entanto, em Marx a mortalidade e fertilidade são feitas com sentido, na medida em que constituem variáveis de modo de população, que corresponde ao modo de produção dominante. Além disso, fatores climáticos não têm sentido porque estão ligados ao impacto da sociedade sobre o meio ambiente, ou seja, a dialética homem-biosfera. As limitações apontadas revelam como estreitar a definição de “ações significativas” proposta pela chamada “Sociologia” compreensiva.

7. A perspectiva weberiana conceitua que a ação de entidades coletivas deve reduzir-se a uma práxis levada adiante por um grupo que parece ser individual<sup>33</sup>. No entanto, a semiótica de Lotman<sup>34</sup> demonstrou que a estrutura e sujeitos plurais são capazes de ações sem que para compreendê-la, tenha que assumir que eles se comportam como indivíduos.
8. Ele articulou uma visão muito distorcida sobre as instituições que fazem parte de um contexto em que prevalecem as divisões de classes, quando afirma que o Estado continua sendo o norteador da ação coletiva.

Por outro lado, Marx observa que o Estado, sendo uma instituição classista, tem funções complexas que o torna importante na reprodução da ordem

---

<sup>30</sup> Idem, p. 11.

<sup>31</sup> Idem, p. 11.

<sup>32</sup> Idem, p. 11.

<sup>33</sup> Idem, p. 12.

<sup>34</sup> LOTMAN, Iurij Mikháilovich. *A Semiosfera I. Semiótica da Cultura e do texto*. Madrid: Frónesis/Cátedra, 1996.

social, na legitimação da desigualdade, na gênese de universos de sentido para o qual se cria valores universais (a nação, etc.) e no desconhecimento do domínio através do parlamentarismo (certo que tais aspectos não esgotam a natureza do Estado, mas levantam hipóteses de longo alcance – somente os marxistas políticos e os opositores à Pierre Bourdieu, poderia imaginar que era tudo o que o “Materialismo Histórico” poderia pensar).

9. Em um curto parágrafo, o “sociólogo” alemão reconhece que ele pode ter inaugurado uma dimensão crítica que consiste em debater qual é o meio mais racional entre *mídia*, valores e/ou fins<sup>35</sup>. Mas se a luta de classes é reduzida a uma luta de motivos<sup>36</sup>, e se o lexema “luta” é definido de forma que a lógica da confrontação classista é obscurecida e negada<sup>37</sup>, os horizontes, de uma tal crítica, não são amplos.
10. Etnocentrismo e logocentrismo são profundos na *mitosociologia* “interpretativa”, por enquanto figuram em seu seio, sem prevenção alguma, as oposições entre o “selvagem” e o “civilizado”<sup>38</sup>. Esta situação se agrava quando se auto-impõe uma limitação suplementar ao postulado que não podem lidar nem da relação homem-natureza nem do comportamento dos denominados “homens primitivos”.

No entanto, esta aparente prudência epistemológica, capaz de reconhecer as fronteiras no estudo da ação social, revela a persistência de rejeição: que a alteridade incômoda da biosfera e os outros têm que ser colocadas entre parênteses, de forma que a “civilização”, o branco, em suma, o etnocentrismo possa encontrar o espaço para auto-compreender-se. No entanto, o mecanismo pelo qual chega a essa auto-percepção não é colocado como um objeto para desconstruir; assim a citada auto-captção não é mais que uma pre-compreensão ideologizada e normalizada.

11. A “Sociologia” em curso deve ser, numa primeira fase, um estudo *funcionalista* da ação. Mas, com isso, as classes, os trabalhadores

<sup>35</sup> WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. México: FCE, 1992, p. 13.

<sup>36</sup> *Idem*, p. 10.

<sup>37</sup> *Idem*, p. 31.

<sup>38</sup> *Idem*, p. 14.



improdutivos (em especial, os que constituem as “classes ideológicas”) e os setores independentes<sup>39</sup>, não podem ser apreendidos em sua estrutura. Vg. Oculta a luta de classes por considerar que a classe dominante e a dominada cumprem *diferentes* funções, a causa pela qual prestam *serviços* mútuos<sup>40</sup>.

12. Em suas reflexões sobre a relação entre mídia, valores e fins<sup>41</sup>, negligencia o contexto social que “racionaliza” universos que são profundamente irracionais. O Sociologismo “interpretativo”, se mostra incapaz de questionar o marco histórico que traz alguma racionalidade e racionalização que alimentam o domínio (veja abaixo).
13. Considera-se que a economia é uma ciência que aborda as avaliações necessárias para otimizar a utilização dos recursos inutilizados<sup>42</sup>. No entanto, há perguntas sobre porque e como se constituiu uma suposta ciência acerca do econômico; nem se quer percebem preocupações sobre se é possível semelhante saber, coisa que o materialismo crítico põe constantemente em dúvida.

Embora não possamos demonstrar aqui, Marx não esclarece os obstáculos ideológicos que fazem da Economia Política uma disciplina burguesa, a fim de convertê-la em científica, mas questiona a mesma alternativa que pode ser baseada em uma ciência econômica<sup>43</sup> (de forma que não seja viável uma “economia geral das práticas”, nas palavras de Pierre Bourdieu, como a economia como tal é desafiada). Tampouco ignoram suspeitas sobre a questão da lenta e progressiva diferenciação, no seio da comunidade, de certo universo que seria o econômico. Novamente, para Marx a emergência da economia (primeiro, como um simples controle do tempo; depois, enquanto um cosmos composto por mercadorias, dinheiro e preço) em si não

<sup>39</sup> LÓPEZ, Edgardo Adrián. História, Semiótica e Materialismo Crítico. Segmentações Sociais e Processos Semióticos: a dialética Base-Superestrutura. Tese Doutoral orientada por Juan Ángel Ignacio Magariños Velilla de Morentin. Aprovada em 23 de março de 2006 na Faculdade de Humanidades da Universidade Nacional de Salta (UNSa.), Salta, Pcia. de Salta, Argentina. Inédita, nota 27 de pp. 130-131. López, Edgardo Adrián. “Semiótica e Materialismo Histórico: uma confluência Oportuna para la Teoria dos Grupos Sociais” em Revista 4. Escola de História. Faculdade de Humanidades da Universidade Nacional de Salta (UNSa.). Talleres Gráficos M. G., Salta, Año 4, vol. I, N° 4, año 2005: 267/286.

<sup>40</sup> WEBER, Max. Economia e Sociedade. México: FCE, 1992, p. 15.

<sup>41</sup> Idem, p. 16.

<sup>42</sup> Idem, p. 16.

<sup>43</sup> LÓPEZ, Edgardo Adrián. Semiótica e Materialismo Crítico. Segmentações Sociais e Processos Semióticos: a dialética base-superestrutura. Tese Doutoral orientada por Juan Ángel Ignacio Magariños Velilla de Morentin. Aprovada em 23 de março de 2006 na Faculdade de Humanidades da Universidade Nacional de Salta (UNSa.), Salta, Pcia. de Salta, Argentina. Inédito, pp. 511/512.

é algo natural ou um dado do qual tenha simplesmente que partir. No entanto, o diagnóstico marxista de que a economia teve uma origem é distinto da posição bourdiana segundo a qual o econômico nas sociedades etnográficas, é uma instância intercalada com relações não econômicas (f. i., aqueles de parentesco). Cabe ressaltar que mesmo nessa classe de associações, a economia se estrutura em torno da necessidade urgente de controlar o tempo com o objetivo de garantir a reprodução do trabalhador em geral.

Finalmente, Weber não questiona as razões pelas quais a sociedade entra em uma dialética estreita com o econômico. Assim, a “Sociologia” compreensiva se converte, de parte a parte, em um pensamento *falado pela economia* e querendo evitar o economicismo, se enforca em seus tópicos (*na essência*, deve-se notar que desejando elucidar o domínio, o poder e a legitimação, seu teorismo resulta determinado para o que tenta pensar).

14. Por um lado, é exigido que uma abstração profunda elabore tipos ideais que estão distanciados da empiria; por outro, que um fenômeno histórico seja interpretado a partir de um de seus elementos, que na época não é um tipo ideal<sup>44</sup>.

Além desta contradição, a metodologia dos tipos ideais não tem a complexidade das categorias elaboradas segundo o concreto-abstrato e o desconstrutivo-materialista<sup>45</sup>, caindo no (falso) dilema de optar pelo particular diferenciado do geral/vazio. Além disso, a *diferença* entre o conceito e o dado, sua *hiância* supõe os mecanismos psicanalíticos da ignorância, negação, repressão, deslocamento etc., tal que a estratégia do tipo ideal é um (suposto) saber construído para evitar a percepção de que o objeto está sendo *ofuscado* à compreensão.

De fato, Weber afirma<sup>46</sup> que uma das estratégias de insight associadas ao tipo ideal é a de que o analista exteriorize seus próprios valores como

---

<sup>44</sup> WEBER, Max. Economia e Sociedade. México: FCE, 1992, p. 17.

<sup>45</sup> LÓPEZ, Edgardo Adrián. Semiótica e Materialismo Crítico. Segmentações Sociais e Processos Semióticos: a dialética base-superestrutura. Tese Doutoral orientada por Juan Ángel Ignacio Magariños Velilla de Morentin. Aprovada em 23 de março de 2006 na Faculdade de Humanidades da Universidade Nacional de Salta (UNSa.), Salta, Pcia. de Salta, Argentina. Inédito, pp. 701/702.

<sup>46</sup> WEBER, Max. Sobre a Teoria das Ciências Sociais. Buenos Aires: Planeta-De Agostini, 1994, pp. 152/153.

padrões que ajudam a “medida” o “grau de desvio” do efetivamente constatado, com relação a essa abstração gestada. Mas o que deve ser observado nele, é que o ideólogo admirador de Durkheim<sup>47</sup>, “confessa” que nos exemplos construídos está o ninho de sua ideologia. Não é por acaso que em vez de submeter a crítica as políticas governamentais de proteção dos grupos dirigentes, prefira desvendar a ação dos sindicalistas que lutam em prol de efetivar as aspirações proletárias<sup>48</sup>.

15. Quando em um descuido, estabelece que qualquer comunismo será, certamente, sem dúvida, um regime burocrático, tal qual já ocorreu<sup>49</sup>, o ideólogo alemão se permite fazer futurologia sem lembrar que tratou a Marx como um profeta<sup>50</sup>.

Não é de mais esclarecer que em diagnósticos dessa envergadura, Weber revela o grau de desconhecimento da teoria que demonstra que nem o comunalismo “primordial” nem o “avançado”, supõe burocracia. Em vez disso, essa classe de terceiro poder, junto à economia (dos quais o seu princípio de dissolução resultaria no socialismo revolucionário) teria que desaparecer.

16. Em infinitas e esmagadoras ocasiões, o mitosociólogo em questão enaltece o realismo empiricista<sup>51</sup> sem perceber que arrasta a crítica em direção ao senso comum.
17. Na mesma página e em outras espalhadas ao longo de suas extensas descobertas, concorda com Durkheim sobre a urgência de fundamentar a cientificidade imperfeita da Sociologia, regozija que o socialismo “interpretativo” é capaz de imaginar até mesmo estados sociais absurdos, *id est*, o possível, negando-se a conceder o mesmo “direito” a teorias rivais como a de Marx, de modo que incorre em uma contradição entre o que não concorda com outros e o que se arroga a si mesmo.

A pesquisa sobre o Estado, e sobre a burocratização-intelectualização/racionalização crescentes que o acompanha, tece para mais de um

<sup>47</sup> WEBER, Max. *História Geral da Econômica*. México: FCE, 1961, nota 6 de p. 10, nota 20 de p. 52.

<sup>48</sup> WEBER, Max. *Sobre a Teoria das Ciências Sociais*. Buenos Aires: Planeta-De Agostini, 1994, pp. 124/126.

<sup>49</sup> WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. México: FCE, 1992, p. 42.

<sup>50</sup> WEBER, Max. *História Geral da Econômica*. México: FCE, 1961, p. 247.

<sup>51</sup> WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. México: FCE, 1992, p. 41.

rápido comentário, como exemplo do corrosivo que suspira em Weber (ver nota). Poupano assim o trabalho tedioso de demonstrar que não é assim citaremos um “discípulo” que, se não é um dos mais precisos no momento das glosas mantidas, acerta em sustentar que o nascido em 1864 tem por propósito mostrar que entre o capitalismo e, digamos, o socialismo, é preferível o primeiro<sup>52</sup>.

Mas se ansiava uma prova, recordaríamos que para este intelectual santificado pelas camarilhas que monopolizavam recursos valiosos e escassos nas instituições de ensino e/ou pesquisa, excluindo aqueles que não respondem aos nomes gravados na testa (“estratégias” que vão desde as fofocas de “vizinhança”, o laço, conluio, até os modos soterrados dos desacreditados protestantes etc.), os calvinistas protestantes colocaram por terra o “preconceito” de não cobrar os juros, “legítimo” interesse por dinheiro emprestado<sup>53</sup>. De onde inferimos que o pensador alemão, encontra “apenas” uma ordem sócio-econômica que permite o gozo de interesse.

E é que o “sociólogo” na brecha, se espanta ante a “introdução” do “caos” do qual é portadora a revolução<sup>54</sup> e teme aos conflitos sociais<sup>55</sup>, pela maneira que os coloca na frase. Este conservadorismo aumenta quando, ao saber que “menospreza” a democracia sindical<sup>56</sup>, fixa sua resistência (no sentido psicanalítico) na palavra “democracia” dos lexemas “democracia sindical” e então emerge como um inimigo da democracia a secar.

Assim, percebemos que a pontualidade na clarificação de noções, na posição epistemológica, na oposição a outras “ligações discursivas”, etc., tem por correlato um poder degradante da crítica, precisamente o que isso significa: para distrair os opositores em explicações cansativas, há a desculpa para não reconhecer que o espírito questionador não se encontra à altura daquelas pacientes tarefas, realizado principalmente com o propósito de ignorar melhor que nessa “crítica” há uma ausência de crítica.

### III

*A História Geral da Economia* vai das primeiras épocas da cultura japonesa, chinesa, indiana e africana, até o nascimento do capitalismo no Ocidente.

<sup>52</sup> HONIGSHEIM, Paul. Max Weber. Buenos Aires: Paidós, 1977, p. 16.

<sup>53</sup> WEBER, Max. *História Geral da Econômica*. México: FCE, 1961, p. 235.

<sup>54</sup> *Idem*, p. 100.

<sup>55</sup> *Idem*, p. 144.

<sup>56</sup> *Idem*, p. 140.

Um primeiro contorno começa com a definição de conceitos. Logo segue o “*Capítulo I*”, que foca a organização agrária em grupos sociais que ele denomina de “unidade doméstica”, “linhagem”, “aldeia” e “domínio senhorial”. O “*Capítulo II*” fala sobre a indústria de mineração até ao alvorecer do capitalismo. O “*Capítulo III*” tem como objeto as operações com mercadorias e dinheiro na época pré-capitalista, o que o leva ao anacronismo de enfatizar que havia verdadeiros bancos e grandes banqueiros em períodos como nos que viveram os egípcios<sup>57</sup> e os babilônios<sup>58</sup>. Remata o estudo no “*Capítulo IV*”, que trata sobre a *origem* do capitalismo moderno, isotopia que leva o nosso autor a empregar em seu discurso, sem interrogar-se pelas cumplicidades metafísicas existentes entre esse “ideologema” e a palavra grega “arkhé”, a desgastada filosofia das origens.

Pois bem, já uma prematura objeção ao breve esboço emerge no fato de que não define o lexema “cultura”, o que deixa aberta a brecha para que se tencione o etnocentrismo mais recalcitrante (devemos confessar que em nenhuma das obras de Weber, lida com uma profunda atenção, fomos capazes de encontrar uma definição explícita do conceito). Semelhante, oferece sinônimos para uma noção central para caracterizar o “espírito capitalista”, que é “ideologia” (conceito que nós delineamos em outro “topoi”). Sem uma análise mais aprofundada, fala de um desenvolvimento da “ideologia” que seria atribuível ao capitalismo<sup>59</sup>.

Notamos também, a utilização de uma estratégia básica que busca elevar uma categoria complexa, o óbvio, bloqueando-se então em uma “sociologia” da evidência ou muito próximo ao senso comum. Com grande pompa, faz marketing de si quando torna a afirmar que o chicote que usava empregar o capataz de escravos da época romana ou o senhor feudal, é “nada mais” (!) que um “instrumento”<sup>60</sup>, sem ocupar em tematizar as desigualdades provocadas por alguns homens, no todo iguais a outros, adquirem o poder de castigar a seus semelhantes como se fossem animais de carga. Leva a sério e de forma criteriosa, as operações ideológicas que amortecem a dominação, operações que na maioria das vezes provém não de “intricados” mecanismos semióticos, senão do cotidiano.

Se vê assim onde chega uma suposta “sociologia” do domínio: para encobrir o

---

<sup>57</sup> Idem, p. 221.

<sup>58</sup> Idem, p. 223.

<sup>59</sup> Idem, pp. 295-296.

<sup>60</sup> Idem, p. 03.

que pretende focar e a reforçar os processos comuns de ocultação da desigualdade. Um intelectual que se acomoda à divisão do trabalho que o destina a ser praticante de um “trabalho improdutivo”, porém com o privilégio de ser um dominado que manda pelo menos sobre os sinais, o que não é um poder desprezível.

As categorias econômicas das quais parte, estão absolutamente colonizadas pelo economicismo capitalista, ao ponto de tornar-se incapaz de observar em sua escritura até que ponto interiorizou, naturalizou e fetichizou “evidências” que não são tais. Por exemplo, subestima a nossa inteligência com a revelação de que o dinheiro presta um serviço que o torna impossível de substituir<sup>61</sup>, o que se teria que romper com o raciocínio, que não é metafísico, de que se não houve antes moeda é que cabe aguardar que não haja sempre. Que Weber está cego como para que suas ideologias lhes dificultem concluir o que indicamos, sugere o grau (se for legítima a metáfora) em que está tomado pelas mitologias do regime atual de produção de tesouro.

E se a “ciência” econômica falar de limitar-se a proposições que axiomatizam que a dominação e exploração se deve a que alguns homens são “diferentes” em sua “disposição” para prestar o “serviço” de ser vg., dominado por outros<sup>62</sup> que se beneficiam desse “acidental” efeito, aquela “ciência” não excede um saber ideologizado no transcorrer das notícias diárias. Comprovamos isso quando, ao utilizar afirmações abstratas que vão às meras “probabilidade” e “combinações”, inventa uma “classificação” dos diversos tipos de tarefas que surgiram ao longo da História (transitando, como lhe é peculiar, da Antiguidade ao feudalismo e dali a China, etc.), para mostrar sem explica-la, que os lexemas “modo de produção” são demasiado elementares diante a este poder das nuances<sup>63</sup>.

O anterior é complementado com o dispositivo retórico de enumerar tipos ideias que atravessam diferentes épocas, descontextualizados, não só das formas de economia senão das culturais (cf o que efetua com as classes de propriedade<sup>64</sup>). Assim, a rejeição do realismo histórico do materialismo desconstrutivo, faz com que Weber não tenha os suportes suficientes para evitar que vá do século III ao século XVIII em apenas uma página<sup>65</sup>, e que fale *da* plantação, *a* propriedade, *o* senhorio, etc., como se fossem enteléquias platônicas suspensas na eternidade<sup>66</sup>.

---

<sup>61</sup> Idem, p. 09.

<sup>62</sup> Idem, pp. 09/10.

<sup>63</sup> Idem, pp. 13/15.

<sup>64</sup> Idem, p. 61.

<sup>65</sup> Idem, pp. 95/96.

Esta “sociologia” do econômico e das relações entre economia e sociedade, cheias de “escalas”, “graus”, “escuros claros”, “possibilidades”<sup>67</sup>, etc., nunca se conscientiza para que a “teoria” da “urgente” distinção entre fatos e normas revele suas limitações estruturais, de que algumas “matizes” implicam na luta de classes<sup>68</sup>.

A partir da página 40, o mitoideólogo aqui discutido principia uma tediosa confrontação com o materialismo pós-filosófico, detalhando os casos e eventos nos quais pode ser visto que o economicismo de Marx torna difícil perceber que as relações familiares, desempenham um papel. Mas se a teoria crítica nos adverte que mulheres e homens levaram uma existência penosa, condicionada por fatores que não controlam e que, ao não governá-los, os cerque de maneira quase mecanicista e causacionista, nisto há de fazer do positivismo o extremo de Marx, senão a impotência dos agentes para realizar seu próprio futuro. Os conceitos operacionais da “base” e “superestrutura”, injustamente desacreditados nestes tempos de Pensamento Único, permitem localizar os processos sociais como “fatores” que condicionam e que são condicionados, com uma finalidade emancipatória: indicar aos interessados em libertar-se daqueles que os oprimiram, que sucessos e como levaram à práxis e à inteligência coletiva ou semiótica, a acabar incorporadas em ambientes déspotas em seu causalismo.

Passando para um outro registro de ideias, são conhecidas as observações de Weber sobre o cuidado que se deve ter em criar “leis”<sup>69</sup>. No entanto, quando coloca que “... *toda revolução (que surge) onde a situação dos revolucionários é pior ... mas ... onde ... (alcançaram) alguma consciência de si mesmo*”<sup>70</sup>, arranca uma “lei” que não avança além do doxológico.

Também não são conhecidas as infinitas reservas que defendeu contra a linearidade, atribuída a Marx, a quem não se devia imitar esse “pecado” científico. No entanto, ao encarar as causas pelas quais a classe de indústria associada ao capitalismo “racional” da Europa, não se implantou na semiperiferia e no resto do mundo extra/europeu, argumenta que o motivo **último e determinante** foi que existiu na China e na Índia, trabalhadores servis e um tradicionalismo mágico<sup>71</sup>, com o qual tropeça com

<sup>66</sup> Idem, pp. 95/96.

<sup>67</sup> Idem, p. 14.

<sup>68</sup> Idem, p. 14, 275.

<sup>69</sup> WEBER, Max. Sobre a Teoria das Ciências Sociais. Buenos Aires: Planeta-De Agostini, 1994, pp. 40-41, 45.

<sup>70</sup> WEBER, Max. História Geral da Econômica. México: FCE, 1961, p. 91.

<sup>71</sup> Idem, p. 147.

o mecanismo, causacionismo não amortecido, etc., que a outros desconsiderava, em particular, às ideias rivais.

Para que não haja dúvida a respeito de que a linearidade é estrutural em Weber (talvez seja por isso que tratara de evita-la, realizando complexos estudos), vamos citar mais quatro casos em que leva às “terras de Elsinor”, os lexemas associados ao Paradigma das certezas. No primeiro, encontramos que o “...*sistema fabril só podia surgir no Ocidente...*”<sup>72</sup>. Na segunda, apela à metáfora das “etapas evolutivas”<sup>73</sup>, enquanto que na terceira, utiliza o tópico da “linha”<sup>74</sup>. Conclui com um tecnologismo próprio do *Dia-Mat* codificado, nos instantes em que axiomatiza que sem o ferro não se sabe o que teria sido do capitalismo na Europa<sup>75</sup>.

Outras das constantes limitações do “sociólogo” alemão é que não realiza a fundo uma desconstrução das fontes e toma por bom o propagado<sup>76</sup>, o qual é para nós um “índice” da anemia da crítica. “Subdesenvolvimento” que é perceptível em que a “pureza” de uma suposta “subjatividade” científica, se livra de palavras mais “subjetivas” mas também mais precisas e reais – a “ocupação” das Américas pela Europa não foi simplesmente uma “aquisição”<sup>77</sup>, senão uma invasão a fim etnocida.

Por último, erra ao classificar de pequenos capitalistas os artesãos, açougueiros, tecelões, etc<sup>78</sup>. Segundo nossos estudos, e de acordo com a ideia se eles são comerciantes que unicamente possuem mercadorias que circulam e não capital/mercadoria (i), ou se são proprietários trabalhadores, trabalhadores proprietários ou “indivíduos” que podem acumular certo dinheiro para um “auto-seguro” contra as vicissitudes (ii), ou se empregam um determinado número de trabalhadores dos quais extrais mais-valia (iii), ou se consomem renda (iv), etc., teremos “setores independentes” (i e ii), “trabalhadores improdutivos” (iv) ou classes (iii). Os tempos das atividades, ocasionam que os mesmos agentes podem estar em várias categorias segundo a época do ano (um artesão que é membro dos “eslavos”, pode ser trabalhador improdutivo ou classe, de acordo com, se oferta seus serviços, ou com, se se emprega fornecendo mais-valia).

<sup>72</sup> Idem, p. 149, (perseguido nos pertence).

<sup>73</sup> Idem, pp. 190, 250, 260.

<sup>74</sup> Idem, p. 257.

<sup>75</sup> Idem, p. 260.

<sup>76</sup> Idem, p. 92.

<sup>77</sup> Idem, p. 253.

<sup>78</sup> Idem, p. 276.



## IV

Nos resta mostrar que o próprio Weber nos ajuda a mostrar as circunstâncias que coloca em crises as distinções obsessivas entre fatores e valores, mas que não se aprende de uma das lições que se infere a partir do rastreamento de tais exemplos. Dada a extensão do trabalho em curso, sequenciaremos os casos emblemáticos. Antes, expressaremos que o corpus a desconstruir é um daqueles de onde o “autor” assegura sua aposta com uma “sociologia da cultura”<sup>79</sup>.

Em geral é factível sustentar que o mitoideólogo morto em 1920 levantou seus pontos de vista (que são, segundo o que foi arguido por Bourdieu<sup>80</sup>, um “ponto de vista”), como se fazer “exclusivamente” ciência não fosse já algo político: precisamente, a política de não discutir política<sup>81</sup>.

Seu “criticismo técnico” se ocupa de “assessorar” sobre as ulterioridades não calculadas e sobre o acoplamento mais equilibrado entre meios e fins<sup>82</sup>. Mas em virtude de que tal criticismo se efetua no universo de uma comunidade dividida em classes, em um período histórico no qual pululam desiguais modos de domínio e no qual é distribuída a biosfera, a orientação meramente “técnica” dos “conselhos” teria que contar com uma análise libertária das formas de sociedade e economia. No entanto, exclui de maneira enfática essa dimensão emancipatória, o que faz com que a teoria seja indiferente sobre como se “administra” com setores e/ou indivíduos que pertencem a instituições mantenedoras do poder de classe, ou com grupos e/ou agentes que pertencem ao amplo conjunto de subordinados.

Neste campo de considerações, observamos um sério déficit na argumentação do sociólogo germânico, que consiste em negar, primeiro, que um criticismo avance além de um simples “assessoramento técnico” e em postular depois que, reconhecido o impacto dos valores em processos, a teoria pode representar uma crítica “global” que se “alarga” a partir deste “horizonte”<sup>83</sup>. No entanto, em nenhum lugar apreciamos a demonstração gradual sobre como transitar de um nível ao outro. Inclusive, podemos

---

<sup>79</sup> WEBER, Max. Sobre a Teoria das Ciências Sociais. Buenos Aires: Planeta-De Agostini, 1994, p. 29.

<sup>80</sup> BOURDIEU, Pierre-Felix. Intelectuais, Poder e Política. Buenos Aires: EUDEBA, 1999, p. 126.

<sup>81</sup> WEBER, Max. Sobre a Teoria das Ciências Sociais. Buenos Aires: Planeta-De Agostini, 1994, nota ao pé sem numerar em pp. 7-8, 19/20, 22-23.

<sup>82</sup> Idem, pp. 10/11, 120-121.

<sup>83</sup> Idem, pp. 11, 14.

conseguir como produto uma crítica criticamente crítica, da crítica crítica, operação que vimos ridicularizada<sup>84</sup> em *A Ideologia Alemã*, ideologia diretamente continuada por Weber.

Já no espaço da discussão pela necessidade de separar normas e acontecimentos, o pensador glosado esquece que não se trata só de que as axiologias se travistam de facticidades senão de que o circunspecto polêmico em torno à urgência mencionada, se traduz ela mesma em um dispositivo para encobrir com bons ideais, os valores. A ideia de que todos os fenômenos sócio-econômicos dependam de uma luta por recursos desejados e escassos<sup>85</sup>, deixa de lado que nas coletividades que existiram até o presente, a escassez foi estruturalmente gestada e que, antes de tomar por bom esse “dado”, deve explicar como e por que se criou “a insuficiência” nos recursos. Em *A Sagrada Família*, os jovens materialistas<sup>86</sup> apontaram com lucidez que se a terra era pouca, disso havia que deduzir não a propriedade privada senão, pelo contrário, a possibilidade de que o solo fosse comunitário. Que isso não ocorra é o que se deve pensar; por analogia, que os objetos de valor sejam escassos é o que teria que levar a um maior acesso ao seu desfrute. Em consequência, o que tem que explicar é porque não ocorre isto e sim que uns poucos acumulem o que é pouco.

Então, no princípio que se coloca em xeque aparece uma valorização como ponto de partida para um estudo supostamente “científico”, mas camuflado com habilidade ao extremo de não ser perceptível nem para o que o formula.

No entanto, no “locus” onde é claro o “reacionarismo” no qual se enreda este “teoricismo” da divisão meditada entre normas e fatos, é quando “aplicamos” tal perspectiva para relevar extermínios sistemáticos como os empreendidos pelos nazis e por golpes de Estado do tom dos que sofreram nossos países, com a permissão do Pentágono e associações afins. Estes horrores podem ser qualificados de “racional”, ao perseguir uma harmonia formal entre meios e fins. O desaparecimento planejado de civis é um “sucesso”, mas seu peso como algo “racional” o converte em um valor: Weber não é capaz de escapar deste triste paradoxo, senão aceitar a lição que não deseja

---

<sup>84</sup> MARX, Karl Heinrich & Friedrich Engels. *A Ideologia Alemã*. Barcelona: Grijalbo, 1984.

<sup>85</sup> WEBER, Max. *Sobre a Teoria das Ciências Sociais*. Buenos Aires: Planeta-De Agostini, 1994, p. 24.

<sup>86</sup> MARX, Karl Heinrich & Friedrich Engels. *A Sagrada Família*. Barcelona: Crítica, 1978.

assimilar.

E é que, como ele adverte, nas ciências se mistura o ideológico em todos os lugares<sup>87</sup>; contudo, isso não as torna menos científicas, uma vez que a demanda de que não aflore ideologia alguma é impossível de encontrar. O que um investigador tem que se atrever é uma autosociopsicoanálises na qual se publicam as tomadas de posições, os valores, as posições partidárias, as preferências por uma teoria em vez de outra, etc., como uma imprescindível honestidade intelectual que permita aos destinatários saber o que e o que não concordar com o que se argumenta. Verdade é que algo dele havia quando o mitoideólogo, que dirigiu os *Arquivos para as Ciências Sociais e a política social*, sugere que o analista tem a obrigação de remarcar os instantes em que escreve como científico e nos quais pensa em qualidade de homem “comum”<sup>88</sup>.

No entanto, estraga sua visão ao não aceitar que uma ciência, tal qual o temos antecedido, não tem que cair na intransigência de depurar toda valoração para apenas aspirar a ser a ciência/discurso. Nele se encontra um positivismo, de acordo ao que julga Habermas, que não pode justificar porque motivos as ciências em geral e as ciências sociais em particular, deveriam ser “monitoradas” com a crítica das redes e jogos de poder<sup>89</sup> (no entanto é estranho ao nosso paladar que o epígono liberal da *Escola de Frankfurt*, também não sustenta uma aposta consequentemente rebelde não só por acusar continuamente a Marx, senão por rejeitar a temida revolução).

### **Edgardo Adrián Lopez**

Doutor em Humanidades com Orientação em História pela Facultad de Humanidades de la Universidad Nacional de Salta (UNSa), Argentina. E-mail: [edadrianlopez@gmail.com](mailto:edadrianlopez@gmail.com)

---

<sup>87</sup> WEBER, Max. *Sobre a Teoria das Ciências Sociais*. Buenos Aires: Planeta-De Agostini, 1994, p. 12.

<sup>88</sup> *Idem*, p. 19.

<sup>89</sup> HABERMAS, Jürgen. *Teoria e Praxis*. Barcelona: Altaya, 1995, pp. 301-302, 312/313.